

CRISTINA PONTE, DANIEL CARDOSO & EDUARDA FERREIRA

cristina.ponte@fcsch.unl.pt; danielcardoso@gmail.com; epcferreira@gmail.com

ICNOVA, NOVA FCSH, PORTUGAL | MANCHESTER METROPOLITAN UNIVERSITY,
REINO UNIDO / CICANT, UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES
E TECNOLOGIAS, PORTUGAL | CICS.NOVA, NOVA FCSH, PORTUGAL

“QUE SITUAÇÕES NA INTERNET INCOMODAM PESSOAS DA TUA IDADE?” AS RESPOSTAS DE CRIANÇAS E JOVENS PORTUGUESES

RESUMO

A partir da mesma pergunta aberta nos questionários EU Kids Online realizados em Portugal em 2010 e 2018 – que situações na internet incomodam pessoas da tua idade? – este artigo analisa se as situações na internet que incomodam crianças e jovens em 2018 coincidem ou divergem relativamente ao que foi referido por uma geração anterior de crianças e jovens, em 2010, e averigua que diferenças e que semelhanças existem nas perceções de risco por género e por idade. Os resultados dão conta do relevante incómodo causado por conteúdos inadequados, conteúdos de cariz publicitário ou violentos, bem como da muito maior presença de situações danosas causadas por pares. O artigo conclui situando estas respostas no quadro mais geral das considerações de crianças e jovens portugueses sobre as oportunidades e potencialidades da internet.

PALAVRAS-CHAVE

crianças e internet; riscos digitais; género

1. INTRODUÇÃO

A agenda pública sobre riscos e segurança digital tem sido definida por adultos (pais, professores, decisores, os *media*, etc.) em torno de valores sobre o que se considera como inapropriado ou lesivo para o desenvolvimento e bem-estar dos mais novos, crianças e adolescentes. Preocupações com conteúdos e práticas de natureza sexual, com novos contactos e encontros face a face com pessoas que se conhecem na internet e com comportamentos agressivos online por parte de pares – cyberbullying – marcaram a atenção do programa europeu "Safer Internet". A consideração de que crianças e jovens devem ser também ouvidos sobre o que as

incomoda e preocupa – no quadro mais vasto dos seus acessos, práticas e mediações - levou à realização do primeiro inquérito por questionário pan-europeu, em 2010.

Esse estudo da rede EU Kids Online em 25 países incluiu uma pergunta aberta – que coisas na internet achas que incomodam as pessoas da tua idade? A pergunta antecedeu as perguntas sobre riscos que estavam na agenda pública – pornografia, *sexting*, encontro com estranhos e cyberbullying – bem como sobre outros riscos relacionados com conteúdos potencialmente nocivos gerados por utilizadores e com mau uso de dados pessoais. Responderam a essa pergunta aberta mais de 9.600 crianças e jovens (9-16 anos). Como essa pergunta procurava-se identificar que situações de risco eram realmente associadas a incómodo, desagrado, dano.

A grelha de codificação das respostas considerava nomeadamente os tipos de de riscos referidos tendo como base a classificação de riscos desenvolvida pela rede: riscos de *conteúdo*, a criança como recetora de conteúdos online produzidos em massa; riscos de *contacto*, a criança como participante de um contato online (iniciado por adultos); e riscos de *conduta*, a criança como ator (perpetrador e/ou vítima) numa troca entre pares (Hasebrink, Livingstone & Haddon, 2008).

Os resultados da análise temática às respostas abertas destacaram três pontos: 1) a preocupação de crianças e jovens europeus com uma considerável diversidade de riscos on-line; 2) a natureza subtil das circunstâncias que desencadeiam esses riscos (da busca deliberada à sua exposição accidental); e 3) a relevância das imagens violentas (Livingstone, Kirwill, Ponte & Staksrud, 2013, 2014). Referências a *conteúdos* massivamente presentes – pornografia ou conteúdo sexual (relatados por 22%) e conteúdos violentos (18%) – e a conduta danosas, incluindo bullying (19%), ficaram no topo das respostas abertas. A importância dada à exposição a conteúdos violentos merece destaque na medida em que tinha recebido menos atenção do que o conteúdo sexual ou o bullying nas iniciativas de consciencialização sobre segurança digital, no âmbito do programa europeu.

Em Portugal, a pergunta aberta foi respondida por 438 das mil crianças e jovens entrevistados. Os resultados colocaram a par, com 27%, respostas que incidiam em conteúdos sexuais e em conteúdos violentos. No lugar seguinte estava a preocupação de contactos com estranhos (18%) enquanto o bullying online foi referido apenas por cinco por cento (Ponte, Simões & Jorge, 2014). Na comparação com as respostas abertas europeias, destacaram-se dois pontos: uma secundarização de comportamentos agressivos por parte de pares; e mais referências a conteúdos de

natureza sexual e a contactos com estranhos, duas situações onde os pais portugueses também se apresentavam como os mais preocupados (Livingstone, Ólafsson, O' Neill & Donoso, 2012).

Reconhecendo o potencial heurístico da questão aberta e a importância de ouvir as crianças nas suas próprias palavras, o novo questionário EU Kids Online realizado em Portugal em 2018 (N= 1974) incluiu a mesma pergunta de 2010: que coisas na internet incomodam pessoas da tua idade?. É assim possível identificar se as situações na internet que incomodam crianças e jovens em 2018 coincidem ou divergem relativamente ao que foi referido por uma geração anterior e averiguar que diferenças e que semelhanças existem nas perceções de risco por género e por idade. São estes os propósitos do presente artigo.

2. ENQUADRAMENTOS

Quando a rede EU Kids Online surgiu, em 2006, as suas perguntas orientadoras foram centradas em *como* as crianças europeias se envolviam com a internet como um novo meio e ambiente tecnológico. Recentemente, no balanço sobre esta pesquisa e antecipação do seu futuro, Livingstone, Mascheroni e Staksrud (2018, p. 1103) destacam a viragem de agenda: de *como* as crianças se envolvem com a internet como um meio para uma agenda sobre como se envolvem com o mundo *mediado* pela internet.

De facto, a pesquisa que se tem vindo a realizar na rede EU Kids Online e noutros estudos afins (Global Kids Online, 2018; Net Children Go Mobile, 2014) tem trazido não só novas questões – como a atenção à conteúdos violentos, evidenciada atrás – como também uma continuada reflexão sobre as categorias analíticas. À classificação que colocava crianças numa relação com conteúdos, contactos e condutas acrescentou-se agora uma quarta categoria, a do *contrato*, proposta por Hasebrink et al. (2018). Esta categoria abrange os riscos decorrentes da dataficação crescente e que coloca crianças e jovens como 'partes contratantes' para os fornecedores de serviços digitais (*riscos de contrato*), nomeadamente na captação de dados pessoais que vão orientar a distribuição de conteúdos publicitários.

Nas últimas duas décadas, tem sido desenvolvida investigação com o objetivo de compreender de que forma as tecnologias digitais em geral e a internet em particular podem proporcionar uma oportunidade para ultrapassar desigualdades estruturais baseadas no género, idade, etnia, capacidade e outras (Mainsah, 2011). No entanto, os espaços online também reproduzem as estruturas de poder desiguais observadas no mundo físico.

Por exemplo, as plataformas digitais podem ser entendidas não só como espaços de capacitação e de formação da identidade, mas também como espaços de vigilância e de auto monitorização, especialmente em termos de normas de género ligadas à aparência física (Baer, 2016; Levi-Sanchez & Toupin, 2014). O impacto que o espaço digital e a internet têm sobre o bem-estar e o capital social dos indivíduos é entendido como dependente de uma série de fatores complexos que variam em função de características pessoais, do contexto socioeconómico, de hábitos de utilização (Shah, Kwak & Holbert, 2001).

A digitalização, para além de ser um fenómeno tecnológico, é essencialmente um fenómeno social e como tal, está intimamente ligada às construções sociais, como o género. Pode-se dizer que a digitalização da vida social está interrelacionada com a forma como os papéis de género e as características de várias idades são vividos e representados, produzindo e reproduzindo estereótipos.

Este artigo terá em atenção a idade e o género nas respostas abertas dos entrevistados. De facto, o final da infância, a transição para a adolescência e esta fase de desenvolvimento constituem momentos de intensa socialização e de experiências formativas que têm um efeito duradouro na vida dos jovens, cada vez mais mediadas pelas tecnologias digitais. As tecnologias digitais podem afetar os seus resultados académicos, incluindo se escolhem continuar a estudar e o que escolhem estudar, podem ajudá-los a desenvolver interesses e *hobbies*, bem como usufruir de entretenimento, como jogos, música e filmes. Os estereótipos de género a que estão sujeitos nos ambientes online em termos de comportamento, aparência física e aptidões esperadas de mulheres e homens, têm efeito sobre as suas perceções e expectativas sobre a sua identidade de género. Tais experiências podem contribuir para acentuar o efeito das desigualdades encontradas no mundo offline (EIGE, 2018).

3. METODOLOGIA

Em 2018, a codificação das respostas abertas de crianças e adolescentes portugueses (agora com idades entre os 9 e os 17 anos) seguiu o código usado em 2010 e as respostas foram analisadas segundo quatro grandes categorias de riscos potencialmente causadores de incómodo: *conteúdos*; *contactos*; *condutas*; e *outros riscos* (Livingstone et al., 2013). O tratamento das respostas fez-se através de um processo em múltiplas etapas. Dois dos autores fizeram a codificação inicial, sob a supervisão do terceiro, e as

discrepâncias entre as três codificações foram sucessivamente resolvidas até que os três codificadores concordaram com as codificações atribuídas. As respostas e respetivas codificações foram posteriormente transpostas para o SPSS 21. Entre outras funções, o SPSS permitiu a agregação de respostas em tipos de riscos assinalados, bem como a agregação de faixas etárias e outras variáveis derivadas utilizadas na análise dos dados.

Uma das variáveis auscultadas foi a quantidade de risco indicados – nenhum, um, dois, três ou mais. De forma a seguir o protocolo usado em 2010, garantindo assim a mais directa comparabilidade de dados, os resultados que se apresentam são apenas do primeiro risco indicado.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Dos 1974 entrevistados, mais de metade (995) referenciaram situações que consideraram que incomodam pessoas da sua idade e em 125 respostas abertas houve mais de uma situação referenciada.

Tendo em conta apenas a situação referida em primeiro lugar, a Figura 1 destaca o predomínio de situações relacionadas com conteúdos, que somam mais de metade do total.

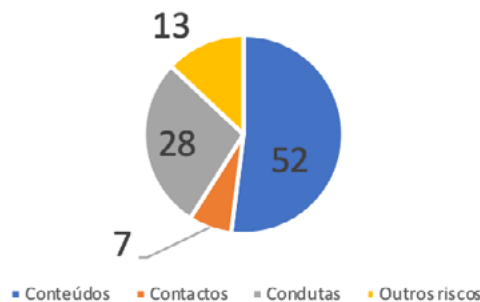


Figura 1: Situações que incomodam por categorias (%; N= 995)

Relativamente a 2010, quase duplicam as referências a conteúdos que incomodam e triplicam as referências a condutas negativas de pares. Esta subida vem na razão inversa das referências a contactos indesejados, que são agora as menos presentes.

Vejamos agora cada uma destas quatro categorias tendo presente que os valores percentuais discriminados têm como referência o total dos primeiros riscos indicados (N= 995).

4.1. CONTEÚDOS QUE INCOMODAM

Na Tabela 1, que apresenta os conteúdos por grupos etários e género, destacam-se conteúdos indesejados em geral, conteúdos de tipo comercial e conteúdos violentos e agressivos.

CONTEÚDOS	9-12 ANOS	13-17 ANOS	M	F
Conteúdo indesejado em geral	15	9	11	13
Conteúdo comercial	11	17	16	12
Conteúdo violento/agressivo	8	10	9	10
Conteúdo assustador e conteúdo nojento	10	4	8	6
Conteúdo pornográfico, sexual	6	5	8	4
Outros conteúdos gerados pelo utilizador				
Auto-lesão, suicídio, bulimia, anorexia	4	1	2	3
Conteúdo racista, de ódio	0	1	1	0

Tabela 1: Conteúdos que incomodam por grupos etários e por género (%; N= 995)

Conteúdos indesejados: enunciados quase sempre de forma genérica, carregam consigo uma ideia de desadequação moral e poderão ou não envolver imagens sexuais. São sobretudo conteúdos visuais e estão associados a plataformas de vídeo. São bastante mais apontados pelos mais novos e um pouco mais por raparigas do que por rapazes. A diminuição com a idade poderá ter que ver com uma maior capacidade de os jovens detalharem e articularem claramente o que os incomoda.

Coisas que não são para a minha idade. (Rapaz, 11 anos)

Vídeos inapropriados. (Rapariga, 12 anos)

Ver vídeos que não devemos ver. (Rapaz, 13 anos)

Fotos desapropriadas, etc. (Rapariga, 16 anos)

Imagens inapropriadas ou vídeos. (Rapariga, 17 anos)

Conteúdos comerciais: as referências que aludem a publicidade indesejada que surge durante os jogos ou outras atividades que estão a realizar são agora destacadas enquanto nos resultados de 2010 eram praticamente residuais. O maior incómodo causado pela publicidade ilustra como se têm vindo a intensificar os processos de comercialização do espaço digital. O incómodo é mais referido pelos mais velhos e ocupa a segunda posição entre os mais novos. Os rapazes expressam um pouco mais incómodo do que as raparigas. Acresce que a publicidade surge muito associada a jogos online de acesso gratuito, muito utilizados em Portugal, sobretudo por rapazes.

Incomoda publicidade e interromperem o vídeo para ver um anúncio. (Rapaz, 9 anos)

Publicidades. (Rapaz, 9 anos)

Anúncios de coisas que não me interessam. (Rapariga, 12 anos)

Anúncios (*pop-ups*). (Rapaz, 15 anos)

Certa publicidade em blogues. (Rapariga, 16 anos)

A quantidade de publicidade na internet. (Rapaz, 17 anos)

Anúncios de publicidade chatos. (Rapariga, 17 anos)

Conteúdos violentos/agressivos: sem diferenças de género, com a idade aumentam as referências, apontando para uma maior exploração e exposição a esse tipo de conteúdos. Muitas vezes são apresentados de uma forma genérica (*violência, guerras*), mas algumas respostas referem imagens reais e apontam para algo que aparece associado a conteúdos noticiosos, remetendo para o trabalho que os Estudos Culturais têm feito sobre como definir "violência" nos *media*, e sobre a diferença – aqui colocada em causa pelos jovens – entre ficção, conteúdo jornalístico e vídeos de amadores.

Vídeos de pessoas reais a serem mortas. (Rapaz, 11 anos)

Guerras. (Rapariga, 13 anos)

Coisas de violência, coisas impróprias. (Rapariga, 13 anos)

Imagens fortes, por exemplo catástrofes. (Rapaz, 14 anos)

Maus tratos a animais e bebés. (Rapaz, 14 anos)

Notícias sobre guerras. (Rapariga, 14 anos)

Acidentes que acontecem com pessoas da minha idade.
(Rapaz, 16 anos)

Crimes violentos. (Rapariga, 17 anos)

Conteúdos assustadores e conteúdos nojentos: as referências a estas duas situações, aqui agregadas, diminuem substancialmente com a idade e são um pouco mais referidos por rapazes do que por raparigas. Plataformas de vídeo e jogos são os ambientes onde são mais referenciados.

Imagens assustadoras, coisas feias. (Rapaz, 10 anos)

Vídeos no YouTube de palhaços assassinos. (Rapaz, 10 anos)

Jogos de terror. (Rapariga, 10 anos)

Talvez trailers de filmes assustadores. (Rapariga, 10 anos)

Terror, lendas de locais abandonados. (Rapaz, 12 anos)

Vídeos ou filmes assustadores. (Rapaz, 13 anos)

Conteúdos de cariz sexual/pornografia: as referências ocupam aqui uma muito menor percentagem do que em 2010, são mais apontadas por rapazes do que por raparigas. Importa destacar alguma reflexão sobre a sua relativização de acordo com a idade em que se está e a consideração de que ver este tipo de conteúdos pode constituir uma oportunidade de conhecimento.

Ver pessoas despidas e coisas. (Rapariga, 10 anos)

Miúdas nuas, vídeos de sexo e de *porn*. (Rapaz, 11 anos)

Pornografia, pelo menos para mim. (Rapaz, 13 anos)

Coisas de sexo. (Rapariga, 12 anos)

Depende muito da idade física e mental das pessoas. Se for uma criança pequena, conteúdos sexuais podem ser bem 'perturbadores', mas para pré-adolescentes eles podem até ter interesse nisso. Eu acho que para pessoas da minha idade, que estão entrando na adolescência, é comum que elas vejam conteúdo pornográfico e isso não é ruim de todo. Por tanto que essa pessoa saiba o que está fazendo nada de mal irá acontecer. (12 anos, 'prefere não dizer' o seu género)

Outros conteúdos negativos gerados por utilizadores: Foram residuais as referências a conteúdos de cariz racista, de incitamento ao ódio ou a automutilação como situações que causam um forte incómodo. Este resultado contrasta com os elevados valores reportados na pergunta fechada do questionário sobre se tinham encontrado esse tipo de conteúdos na internet, resposta com valores superiores a 40% (Ponte & Batista, 2019).

4.2. CONDUTAS QUE INCOMODAM

A Tabela 2 apresenta as respostas relativas a condutas de pares que incomodam pessoas da mesma idade, tendo em conta a idade e género.

CONDUTAS	9-12 ANOS	13-17 ANOS	M	F
Bullying (expressamente referido nesse termo)	8	12	9	11
Pessoas a falar mal de si outras/ataques à reputação	7	3	2	8
Outras condutas maldosas ou agressivas	3	7	4	6
Hacking, uso indevido de dados pessoais, violação de privacidade	3	5	3	5
Conduta indesejada no geral	3	3	2	4
Assédio sexual ou sexting indesejado	1	1	1	1

Tabela 2: Condutas que incomodam por grupos etários e género (%; N= 995)

As redes sociais e a circulação de mensagens são as grandes plataformas destas situações protagonizadas por pares. Referências que nomeiam expressamente bullying atingem aqui um quinto das apontadas em primeiro lugar e crescem com idade. Também outras situações relacionadas com condutas negativas de pares são mais referidas pelos mais velhos, incluindo o uso indevido de dados pessoais e violação de privacidade. Neste conjunto de situações colocadas em primeiro lugar, os valores apontados por raparigas são mais elevados, sendo a diferença notória no maior incómodo relacionado com ataque a reputação.

Falar mal de mim, gozar com a minha família. (Rapariga, 10 anos)

Meter fotos com a minha cara mas no corpo de outra pessoa, dizer coisas sobre mim e é mentira. (Rapariga, 11 anos)

Insultos, gozar com as pessoas. (Rapaz, 12 anos)

Incomodam pessoas da minha idade o bullying, fotos postadas na rede social sem permissão e etc. (Rapariga, 12 anos)

Bullying online. (Rapaz, 13 anos)

O que eu acho que incomoda as pessoas da minha idade na internet é quando alguém entra por exemplo na sua rede social. (Rapaz, 14 anos)

Postar coisas agressivas e ofensivas também conhecido como cyberbullying. (Rapaz, 15 anos)

Exporem fotos que a pessoa não tinha intenção de partilhar com outras pessoas e criarem conflitos pelas redes sociais. (Rapariga, 16 anos)

4.3. CONTACTOS QUE INCOMODAM

Situações que incomodam relacionadas com a possibilidade ou a experiência de contactos com estranhos desceram significativamente em relação a 2010. A Tabela 3, que apresenta a sua distribuição percentual por

idade e género, destaca que a experiência de contacto cresce com a idade e que é mais reportada por rapazes.

CONTACTOS	9-12 ANOS	13-17 ANOS	M	F
Possibilidade de ter contacto inapropriado e/ou de natureza sexual	5	4	4	4
Experiência de contacto inapropriado e/ou de natureza sexual	1	4	4	1

Tabela 3: Contactos que incomodam por grupos etários e género (%; N= 995)

Algumas respostas referem que a agência da situação danosa também passa pelos próprios jovens, contrariando um posicionamento de vítimas passivas de contactos de outros (*falar, contactar, ter encontros*).

Falar com pessoas desconhecidas e essas pessoas aproveitarem de nós. (Rapariga, 12 anos)

Contactar com pessoas que poderão ser parvas e partir-nos o coração, entre outras coisas. (Rapariga, 13 anos)

A quantidade de jovens que se encontram com desconhecidos pelo Facebook ou outras redes sociais. (Rapaz, 14 anos)

4.4. OUTROS RISCOS QUE INCOMODAM

Por fim, a Tabela 4 apresenta a distribuição de outras situações que incomodam crianças e jovens, por idade e género.

OUTRAS SITUAÇÕES	9-12 ANOS	13-17 ANOS	M	F
Relacionadas com o hardware/software	2	2	2	2
Vírus	2	2	2	1
Spam, fishing, fraudes	2	3	3	1
Outras situações que incomodam	8	6	7	7

Tabela 4: Outras situações que incomodam, por idade e género (%; N= 995)

Ainda que residuais, situações relacionadas com equipamentos, vírus e dificuldades de acesso da rede (*routing, falhas, perder informação e conexões*) são transversais. O que mais se destaca neste quadro são situações que não se conseguiram posicionar nos três C anteriores, e que apontam para desafios da sociabilidade. Respostas de entrevistados mais velhos – e sobretudo de raparigas – apontam o incómodo gerado pelo acirrar de discussões, a exposição e exibição, a discriminação, com implicações na privacidade, na gestão de relacionamentos e socialidade e imagem de si.

Fim de amizades, discussões. (14 anos, 'prefere não dizer' o género)

Exposição. (14 anos, Rapariga)

Notícias que são ultra egocêntricas e que gostam de partilhar o melhor que têm e às vezes fazem outras pessoas sentirem-se mal consigo mesmas. (Rapariga, 14 anos)

A discordância de opinião, a discriminação por parte de outras pessoas e a maneira como olham para a diferença. (Rapariga, 15 anos)

Informação não verdadeira, que pode assustar quem está a pesquisar dependendo do contexto. (Rapaz, 17 anos)

Perceber a crueldade das pessoas. (Rapariga, 17 anos)

5. CONCLUSÕES E NOTA FINAL

A comparação entre as respostas abertas sobre o que incomoda na internet revelou diferenças entre duas gerações de jovens internautas portugueses. Os internautas de 2018 estão mais incomodados com a conduta de pares e com a crescente visibilidade da publicidade digital. Parecem menos dependentes das duas grandes preocupações parentais – conteúdos sexuais e contactos com estranhos –, com as quais coincidiam os jovens internautas ouvidos em 2010.

As plataformas de vídeo e – sobretudo – as redes sociais constituem-se como as duas grandes vias que simultaneamente proporcionam oportunidades de informação, entretenimento e comunicação positiva com pares,

e carregam acessos a conteúdos que incomodam e a práticas de exposição, vigilância e crítica continuadas.

A elevada frequência com que aparecem referências a publicidade orientada é um aspeto novo e que estará ligado à crescente dataficação e geolocalização com que se constroem as pegadas digitais. Na linha apontada por Hasebrink et al. (2018) importa considerar os riscos e danos resultantes de uma acentuada comercialização do meio. Estas respostas evidenciam a importância do conhecimento de como funciona a internet e a sua ecologia digital, e de trabalhar desde cedo competências sociais capacitantes na gestão do modo como se está na rede.

A análise das respostas abertas por idade revelou que situações que incomodam não se reduzem com a passagem da infância para a adolescência, pelo contrário. É o caso da maior atenção e incómodo pela pressão comercial, pelo bullying e pelas condutas agressivas por parte de pares. A análise por género evidenciou diferenças na ligação a atividades de participação e de exposição, como as redes sociais, nas raparigas, e plataformas de jogos, nos rapazes. Elas acentuam mais o seu incómodo relativamente a situações geradas por pares, nomeadamente quanto à sua reputação.

Uma nota final: esta análise incidiu na comparação de uma resposta aberta sobre o que incomoda na internet, tendo sido feita outra pergunta aberta sobre as suas potencialidades positivas que mereceu também ampla adesão. Para uma leitura relativizada destes resultados, importa também ter em conta que – tanto nos questionários de 2018 como nos de 2010 – apenas sete por cento dos entrevistados em 2010 e oito por cento dos entrevistados em 2018 assinalaram discordar da afirmação "há muitas coisas na internet que são boas para pessoas na minha idade". Se em 2010 mais de metade (52%) dos entrevistados concordava totalmente com essa afirmação, em 2018, há uma apreciação mais matizada das oportunidades: a concordância total desceu para um quinto e cerca de um terço considera ser *bastante verdade* (Ponte & Batista, 2019).

Estes resultados ilustram como as crianças e adolescentes estão hoje "a envolver-se com o mundo mediado pela internet" (Livingstone et al., 2018, p. 1103). Com mais anos a viver em ambientes digitais e a experimentar uma nova ecologia, as suas respostas – hoje menos encantadas – estão a indicar-nos que importa saber enfrentar tanto os danos como as oportunidades do digital.

REFERÊNCIAS

- Baer, H. (2016). Redoing feminism: digital activism, body politics, and neoliberalism. *Feminist Media Studies*, 16(1), 17-34. <http://dx.doi.org/10.1080/14680777.2015.1093070>
- EIGE - European Institute for Gender Equality. (2018). *Gender equality and youth: opportunities and risks of digitalization*. Luxemburgo: Publications Office of the European Union. Retirado de <https://eige.europa.eu/publications/gender-equality-and-youth-opportunities-and-risks-digitalisation>
- Hasebrink, U., Livingstone, S. & Haddon, L. (Eds.). (2008). *Comparing children's online opportunities and risks across Europe: cross-national comparisons for EU Kids Online*. (Deliverable D3.2). Londres: EU Kids Online. Retirado de http://eprints.lse.ac.uk/21656/1/D3.2_Report-Cross_national_comparisons.pdf
- Hasebrink, U., Rechlitz, M., Dreyer, S., Bruggen, N., Gebel, C. & Lampert, C. (2018, novembro). *What are you concerned about? Classifying children's and parents' concerns regarding online communication*. Comunicação apresentada na VII Conferência da ECREA, Lugano.
- Levi-Sanchez, S. & Toupin, S. (2014). New social media and global resistance. In L. J. Shepherd (Ed.), *Gender matters in global politics: A feminist introduction to international relations* (pp. 389-401). Londres: Routledge.
- Livingstone, S., Ólafsson, K., O' Neill, B. & Donoso, V. (2012). *Towards better internet for children*. Londres: EU Kids Online. Retirado de <http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20III/Reports/EUKidsOnlineReportfortheCECoalition.pdf>
- Livingstone, S., Kirwill, L., Ponte, C., Statkrud, E. with the EU Kids Online network. (2013). *In their own words. What bothers children online?* Londres: EU Kids Online. <https://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20III/Reports/Intheirownwords020213.pdf>
- Livingstone, S., Kirwill, L., Ponte, C. & Statkrud, E. (2014). *In their own words. What bothers children online? European Journal of Communication*, 29(3), 271-288. <https://doi.org/10.1177%2F0267323114521045>
- Livingstone, S., Mascheroni, G. & Staksrud (2018). European research on children's internet use: Assessing the past and anticipating the future. *New Media & Society*, 20(3), 1103-1122. <https://doi.org/10.1177%2F1461444816685930>
- Mainsah, H. (2011). 'I could well have said I was Norwegian but nobody would believe me': Ethnic minority youths' self-representation on social network sites. *European Journal of Cultural Studies*, 14(2), 179-193. <https://doi.org/10.1177%2F1367549410391926>

- Ponte, C. & Batista, S. (2019). *EU Kids Online Portugal 2018. Usos, competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens (9-17 anos)*. Lisboa: EU Kids Online e NOVA FCSH. Retirado de <http://www.fcsb.unl.pt/eukidsonline/wp-content/uploads/sites/36/2019/03/RELATO%CC%81RIO-FINAL-EU-KIDS-ONLINE.docx.pdf>
- Ponte, C., Simões, J. A. & Jorge, A. (2013). Do questions matter on children's answers on risk and safety? *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 7(1). <https://doi.org/10.5817/CP2013-1-2>
- Shah, D. V., Kwak, N. & Holbert, R. L. (2001). "Connecting" and "disconnecting" with civic life: Patterns of Internet use and the production of social capital. *Political Communication*, 18(2), 141-162. <https://doi.org/10.1080/105846001750322952>

Citação:

Ponte, C., Cardoso, D. & Ferreira, E. (2019). "Que situações na internet incomodam pessoas da tua idade?" As respostas de crianças e jovens portugueses. In S. Pereira (Ed.), *Literacia, Media e Cidadania – Livro de Atas do 5.º congresso* (pp. 325-339). Braga: CECS.